

Morte e Ressurreição de Jesus

Reconstrução hemenêutica

Um debate com John Dominic Crossan

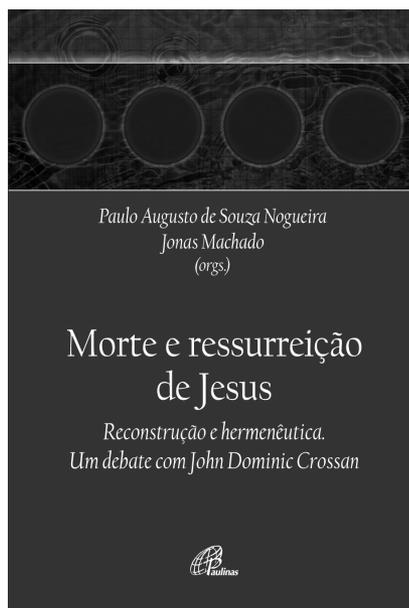
NOGUEIRA, P.A.S e MACHADO, J.
São Paulo: Paulinas, 2009.

Pe. Donizete José Xavier*

O livro nos apresenta originalmente uma construção teológica que evidencia o pensamento e a pesquisa de um dos mais conhecidos pesquisadores de Jesus histórico, John Dominic Crossan, inserindo-nos criativamente no debate do seu enunciado com outros teólogos afins.

A construção científica deste livro nos apresenta três textos investigativos com cortes epistemológicos buscando sintetizar sua atual posição em relação à morte de Jesus. As obras nevrálgicas onde Crossan tece sua abordagem investigativa são: *O Jesus histórico: vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*, de 1991; *O Nascimento do Cristianismo. O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*, de 1998 e *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino ao Império Romano*, em 2004.

Olhando mais de perto esta síntese de Crossan, vemos que já no prólogo se situa sua preocupação com a localidade de Jesus. Situá-lo em seu contexto geopolítico é de suma importância para reconstruir criativamente novas expressões querigmáticas, pois, segundo sua percepção investigativa, a maioria das pessoas simplesmente não conhece a história do Evangelho. Neste



* Mestre em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da PUC-SP e professor assistente na Faculdade de Teologia.

sentido, propõe metodologicamente o conhecimento histórico de Jesus como ponto de partida para uma nova expressão de fé. Investigar a vida de Jesus histórico é o ponto de partida para uma construção teológica consistente capaz de articular a história e a hermenêutica a partir do ponto de vista do método.

Crossan, perguntando pelos motivos que levaram Jesus a Jerusalém, demonstra que Jesus está consciente do tipo de morte que terá. Não é uma morte desejada, quista ou exigida, mas sim consequência de seu comportamento e de suas opções. A morte de Jesus, segundo a sua visão, é um sacrifício onde Jesus semelhante aos mártires, se tornou exemplo contra a injustiça imperial. Segundo Crossan, a morte de Jesus pede a verdade: que, ao longo da evolução humana, a injustiça foi criada e mantida através da violência, enquanto a justiça foi combatida e evitada através da violência. O autor é enfático: o alerta desta morte, se for atendido, pode ser a salvação.

Outro ponto importante na construção teológica de Crossan é a diferença crucial que o autor investiga na cena parábica no Evangelho de João, quando Pilatos confrontou Jesus sobre o reino proclamado por Jesus. Crossan apresenta algumas observações: (a) Jesus opõe o Reino de Deus aos reinos “deste mundo”; o Reino de Deus não está fundamentado na violência e opressão, não é garantido pela força da arma e dos exércitos; (b) Jesus é condenado à morte pelo romano Pilatos, na Judeia romana; isto significa que há uma soberania romana e esta é a diferença entre o reino defendido e inaugurado por Jesus e o reino defendido e mantido por Pilatos. Diferença esta latente e exigente, a não violência de Jesus e a violência de Pilatos põem em relevo o problema da justiça.

Por último, o autor apresenta uma reflexão contundente sobre a ressurreição de Jesus. Ele problematiza este acontecimento entre sua realização e interpretação, ou seja, entre a história e a parábola. O método apresentado por Crossan considera como o mais importante a significação da ressurreição, evidenciando sua intenção e envolvimento, como afirma no debate com Crossan o prof. Jonas Machado. Crossan deixa de lado a questão da história e pergunta pela aplicação do tema da ressurreição de Jesus.

Crossan, já desde o início da sua reflexão sobre a ressurreição do Jesus histórico, apela para o termo “modo” procurando distinguir entre um tipo de linguagem que é literal, factual, verdadeira ou histórica, e outro tipo de linguagem metafórica, ficcional, simbólica, ou parábica. A pergunta do autor é pertinente: em que modo devemos situar esta ou aquela afirmação histórica citada? Esta pergunta pelo modo ajuda a evitar o desafio do significado.

Dentro da construção teológica de Crossan, percebe-se que o autor recorre à compreensão corpórea geral dos judeus do primeiro século. A questão

norteadora desta reflexão está na expectativa dos judeus que se perguntavam pela justiça de Deus diante dos corpos torturados e brutalizados dos mártires? Situando a esperança presente no livro de 2 Macabeus, o autor focaliza a ressurreição corpórea como uma resposta.

A ressurreição corpórea segundo a visão do autor era parte integrante do pacote de uma terra justificada, o último ato do *grand finale* da vindicação pública de Deus dos mártires assassinados e, por extensão, de todos os inocentes perseguidos.

Buscando justificar sistematicamente o significado da ressurreição corporal de Jesus, o autor alicerça sua argumentação na compreensão e entendimento que os judeus cristãos do primeiro século assimilaram. Por ressurreição eles não queriam dizer simplesmente ressuscitação corporal nem mesmo aparição pós-morte ou exaltação corpórea. Quando falavam de ressurreição queriam dizer a ressurreição corporal. Afirmando a ressurreição de Jesus, confirmavam o ato ressuscitador de Deus que já começou desde o ato da criação.

O autor metodologicamente propõe duas opções para compreender a ressurreição corporal. A primeira está na distinção de linguagem literal e metafórica no discurso sobre a ressurreição corpórea de Jesus.

Por último, o autor apresenta uma reflexão sobre a ressurreição de Jesus na iconografia oriental *versus* a iconografia ocidental. Se Jesus ressuscita como libertador dentre os que dormiam no inferno, sua ressurreição possui um caráter corporativo, que por serve de instrumento elucidativo para a compreensão metafórica da ressurreição. O autor conclui sua reflexão expondo metodologicamente uma esperança no futuro definitivo, numa imagem polifacética de uma esperança vivida no presente de uma escatologia colaborativa que consumará, no Reino da justiça de Deus, a história pessoal e universal de toda a criação num processo reconciliador que exige de per si o reconhecimento do grande registro de injustiça e sua reparação.

Numa segunda parte, o livro apresenta reações de vários teólogos que em suas particularidades e caminhos metodológicos tecem uma aproximação ao enunciado apresentado, bem como aproximam a teologia crossaniana a aspectos da teologia latino-americana que evidenciam o caráter antiimperialista de Jesus histórico. É pertinente ressaltar que vários dos debatedores desta obra, coerentemente, criticam a teologia subjacente na produção cinematográfica de Mel Gibson *Paixão de Cristo* como um desconhecimento da história do Evangelho, bem como uma interpretação errônea do desígnio salvífico de Deus. No ensinamento da Igreja sobre a salvação está evidenciado o amor e não a dor. O Deus amoroso é o Deus ressuscitador, é o Deus do pathos, da compaixão, do envolvimento, mas não patológico que ama e sacraliza o sofrimento.